

CURIOSIDADES FILATÉLICAS

> CORREIO-ANDORINHA

> MOTA LEITE

Sempre se ouviu dizer: a necessidade aguça o engenho.

De facto quando não se tem cão temos que ir à caça com gato. Vêem estes ditados antigos, mas sempre actuais, recordar as vicissitudes em que o Homem se confrontou em tempos idos e fora forçado nos recursos de que pudesse usufruir no momento, para tirar o melhor proveito.

Não será de todo descabida, a pergunta que o leitor possa colocar sobre o tema em epígrafe, Correio-andorinha? Como será possível?

Passando-me pelas mãos uma das inúmeras edições do Almanach das Lembranças, da segunda metade do século dezanove, eis que entre diversificados artigos surge um com o título agora referido, que logo me chamou a atenção: correio-andorinha!... Imediatamente li todo o conteúdo para compreender a razão do título que me era dado observar, pois nunca tinha sido abordado tal assunto nas lides filatélicas e não só.

Depois de variadíssimas pesquisas, a que não ficou alheia a dificuldade e raridade do tema, encontrei uma explicação bastante elucidativa e de muito simples compreensão para qualquer leigo neste assunto. Vamos à dita explicação.

Sabemos aquilatar da fraca qualidade de meios de comunicação de que os nossos antepassados dispunham no seu quotidiano e do tempo necessário no transporte e recepção de cada mensagem emanada donde quer que viesse, assim como das intempéries e perigos a cada instante, para que a mesma chegasse ao seu destino.

Assim sendo, o Homem, mercê da simpatia com que as nossas

amigas andorinhas se aproximam das habitações para junto das mesmas e a resguardo de qualquer varanda ou beiral se aproveitam para nidificar, teve ali à mão um instrumento valioso para o fim em causa: servir de mensageiro.

Sempre que alguém tivesse necessidade de fazer uma viagem mais longa, como mandar notícias para saber que chegou bem? Tão simples como levar consigo uma andorinha das que estivesse no ninho e com filhotes, logo que chegado ao respectivo destino, ou local previamente combinado, imediatamente a soltava e eis que em pouco tempo esta regressava ao seu ninho de onde partira, o que significava para os donos da casa que o nosso viajante chegou bem ao local pretendido.

Não se admirará o leitor de que nem sempre haverá a presença destas tão simpáticas avezinhas, naturalmente só em determinadas épocas, mas há que usufruir aquando da presença das mesmas nas respectivas fases de procriação e com certeza em pouco as prejudicava sabendo do instinto procriador as fazia regressar ao ninho no menor tempo possível para seu próprio bem e paralelamente usufruto dos donos das casas e do viajante.

